

**“É UM CLÁSSICO NÉ, AS MENINAS PEDINDO CORDA”:  
ATOS PERFORMATIVOS DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**“IT'S A CLASSIC, THE GIRLS ASK TO JUMP ROPE”:  
PERFORMATIVE ACT AND GENDER IN THE EARLY YEARS OF  
ELEMENTARY SCHOOL**

**“ES UN CLÁSICO, LAS CHICAS PIDEN CUERDA”:  
ATO PERFORMATIVO E GÊNERO EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA  
ENSEÑANZA FUNDAMENTAL**

**Amanda Dória de Assis**

<https://orcid.org/0000-0002-6994-0354> 

<http://lattes.cnpq.br/5660783295991543> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

[amandts@gmail.com](mailto:amandts@gmail.com)

**Resumo**

Neste trabalho problematizo atos performativos de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA). Metodologicamente trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como instrumentos de pesquisa entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras. A partir disso, foi possível compreender que nas aulas de educação física há naturalidade na suposta diferença como meninas e meninos brincam, bem como nas diferenças no modo como participam das aulas. Nesse contexto, provoca estranheza quando alguma criança rompe com as fronteiras binárias de gênero. Ademais, insultos e falta de reconhecimento destas crianças buscam manter a ordem discursiva vigente no currículo, a ordem heterossexual.

**Palavras-Chave:** Gênero; Educação; Currículo; Educação Física Escolar.

**Abstract**

In this article We aim to discuss elements that demonstrates girls experiences on early years of elementary schools on the municipal education programs in Porto Alegre. Methodologically, this is a qualitative research, using the interview as an instrument. From this, it was possible to understand that in physical education classes there is naturalness in the supposed difference in how girls and boys play, as well as in the differences in the way they participate in classes. In this context, it is strange when a child breaks binary gender boundaries. Furthermore, to maintain the discursive gender order, insults and a lack of recognition of these children are seen in the context of breaking gender expectations.

**Keywords:** Gender; Education; Curriculum; School Physical Education.

**Resumen**

El artículo discute género en la educación básica en escuelas de Porto Alegre (Brasil). Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, utilizando como instrumento la entrevista. El artículo discute género en la educación básica en escuelas de Porto Alegre (Brasil). Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, utilizando como instrumento la entrevista. A partir de esto, se pudo entender que en las clases de educación física hay naturalidad en la supuesta diferencia en cómo juegan niñas y niños, así como en las diferencias en la forma en que participan en las clases. En este contexto, resulta extraño que un niño rompa las fronteras binarias de género. Además, para mantener el orden discursivo de género, los insultos y la falta de reconocimiento de estos niños se ven en el contexto de una ruptura de expectativas de género.

**Palabras Clave:** Género; Educación; Currículo; Educación Física Escolar.



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho problematiza gênero nos anos iniciais do ensino fundamental, sobretudo na educação física. Os anos iniciais correspondem aos cinco primeiros anos do ensino fundamental (primeiro ao quinto ano), sendo constituído por estudantes de seis a dez anos de idade. Trata-se da etapa de ensino com maior número de estudantes matriculados/as, conforme os dados do Ministério da Educação. A educação física é componente obrigatório desta etapa de ensino (Brasil, 1997), estando na área das linguagens, com a perspectiva de trabalhar a cultura corporal de movimento (Brasil, 2018).

Na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, contexto desta pesquisa, os anos iniciais do ensino fundamental têm no seu coletivo docente a seguinte composição: Professora Referência (alfabetizadora e responsável pelo ensino globalizado); professora de Educação Física; professora de Arte-educação. Neste contexto tenho atuado como professora de educação física em duas escolas da Rede Municipal de Porto Alegre. Esta vivência docente me provoca cotidianamente a problematizar gênero tanto nas aulas de Educação Física, haja vista as desigualdades e violências que manifestadas nas aulas. Decorrente disso, neste trabalho apresentarei algumas destas problematizações oriundas de um estudo que analisou regulação de gênero e o percurso de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Visto a extensão do trabalho, neste artigo apresentarei um recorte que aborda mais especificamente atos performativos de gênero nas aulas de educação física.

Judith Butler compreende gênero como ato performativo, produzido através de práticas, de atos e gestos que remetem a atuações, performances constantemente reafirmadas ou negociadas a partir de determinadas possibilidades (Butler, 2003). Gênero, portanto, pode ser entendido como uma norma pela qual se naturaliza as noções de feminino e masculino, construções erigidas em meio a relações de poder, as quais tornam inteligíveis sujeitos identificados nesses dois polos de gênero. Sob essa perspectiva, há uma oposição ao entendimento naturalizado de gênero, qual seja: mulheres-femininas, homens-masculinos. Conforme Butler:

Dizer que o gênero é performativo significa dizer que existe uma determinada expressão e manifestação, uma vez que a aparência do gênero, muitas vezes, é confundida com um sinal de sua verdade interna ou inerente. O gênero está condicionado por normas obrigatórias que o fazem definir-se em um sentido ou outro (geralmente dentro de um quadro binário) e, portanto, a reprodução do gênero é sempre uma negociação de poder. Finalmente, não existe gênero sem reprodução das normas que ponham em risco o cumprimento ou o





descumprimento de tais normas, abrindo-se, desse modo, a possibilidade de uma reelaboração da realidade do gênero através de novas formas (Butler, 2009, p. 322).

Trata-se de uma noção tecida pela teorização pós-estruturalista que tenciona a linguagem e o processo de significação. A linguagem é entendida como um campo de produção de significados (Silva, 2001), na qual não é vista apenas como representacional, mas também como constitutiva das coisas. Sob essas ideias, entende-se que não há verdades a priori, a verdade é uma produção tecida em meio as relações de poder-saber. Com isso, entende-se que o poder não como repressivo, mas o poder como produtivo.

O poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria livre ou não em relação ao sistema do poder; mas é preciso considera ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades do conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas (Foucault, 2009, p. 30).

Assume-se nessa perspectiva o entendimento de que não existem verdades a priori, e sim invenções, produção de verdade estabelecidas pelas relações de poder-saber-verdade. Discursos que engendram verdades. Ressalto, que ao tratar de discurso pela formulação Foucaultiana, o discurso não é concebido como mera aglutinação de palavras, mas como uma aglutinação, um conjunto de signos, de práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Conforme Stuart Hall, os discursos produzem as posições com as quais sujeitos podem se identificar (Hall, 2006). Portanto, é por meio de nomeações, descrições e concepções que construímos conhecimentos e podemos agir sobre nós mesmos e sobre os outros (Traversini; Balem; Costa, 2007).

A Educação Física escolar também é atravessada por muitos regimes de verdade. Saberes sobre o corpo, fortemente influenciados pela biologia e medicina; saberes sobre o sexo atravessam as aulas, os sujeitos estudantes. Analisando brevemente a história da Educação Física no contexto escolar pode-se perceber que ao longo de sua história, esta disciplina tem contribuído para educação dos corpos, sendo um espaço de produção de identidades e subjetividades de acordo com as necessidades políticas e sociais, como apontam os estudos de Soares (1990). Embora as atividades físicas estivessem presentes afora a escola





desde o período colonial, foi somente no final do século XIX, com a influência dos imigrantes europeus e seus hábitos, que se difundiu ideias de higiene como premissa para obtenção de corpos saudáveis. Nessa direção, Bracht (1999) compreende que a Educação Física nasceu com a função de construir corpos saudáveis e dóceis, fundamentada pelo conhecimento médico-científica.

Mesmo com as mudanças influenciadas pelos estudos de gênero e demais estudo das Ciências Humanas e Sociais que hoje contribuem com novas perspectivas à educação física escolar que tem como objeto de estudo a cultura corporal de movimento, ainda enfrenta-se no interior das escolas efeitos das verdades produzidas na Modernidade. O entorno das práticas corporais carrega suas marcas históricas das ciências biomédicas, eugênicas que contribuíram para um modelo social racista, machista, de preceitos coloniais. Corroborando com essa ideia, Sá (2022, p. 9) entende que:

O que nós temos posto na Educação Física no Brasil é uma cultura europeia corporal de movimento, fruto das influências que sofremos do colonizador e que continua a reproduzir e nutrir desigualdades, sejam elas de gênero, classe, raça ou até mesmo da valorização do mais habilidoso, reproduzindo uma falsa noção de meritocracia que permeia o discurso político-social brasileiro.

Por conta disso, compreendo que ainda é necessário se manter atenta em relação aos preconceitos, às violências. Aprofundar o debate de gênero é o caminho que delimitei neste trabalho para pensar em algum destes marcadores de diferença que afetam o percurso das/os estudantes nas aulas de educação física.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo se constitui como uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas com trabalhadoras em educação dos anos iniciais da Rede Municipal de Porto Alegre (RMEPOA). A pesquisa foi desenvolvida a partir da realização de entrevistas com professoras de educação física e também com as demais professoras que atuam nos anos iniciais. A partir destas narrativas, o trabalho proposto analisa o percurso das estudantes sob a perspectiva das professoras, tencionando atos performativos do gênero nos anos iniciais.

A concretização da pesquisa contou com onze trabalhadoras em educação, de cinco regiões diferentes de Porto Alegre. São trabalhadoras com formações e funções diversas nos anos iniciais, como: professoras referências, professoras de educação físicas, professoras de artes, orientadora dos anos iniciais e supervisora dos anos iniciais. Abaixo apresentamos





um quadro com uma síntese de informações das colaboradoras. Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade das colaboradoras.

**Quadro 1** – dados das colaboradoras da pesquisa

Colaboradoras	Função	Formação
Sandra	Referência	Magistério e Pedagogia
Viviane	Educação Física	Licenciada em Educação Física, Mestra em Ciências do Movimento Humano
Silvana	Educação Física	Licenciada em Educação Física, Mestra em Ciências do Movimento Humano
Maria Rita	Referência	Pedagogia
Carolina	Educação Física	Licenciada em Educação Física
Frida	Educação Física	Licenciada em Educação Física, Especialização em Saúde Coletiva e Mestra em Educação Física
Simone	Educação Física	Licenciada em Educação Física, Mestra em Ciências do Movimento Humano
Rosângela	Artes	Licenciada em Arte-Educação
Angela	Orientação e volante	Pedagoga

**Fonte:** construção da autora.

A maioria das entrevistas foi realizada online via *Google Meet* no segundo semestre de 2020 e primeiro semestre de 2021. A escolha dessa plataforma se deu visto a adesão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao *Google Suite for Education*, visto as demandas por dispositivos de interação social durante a pandemia. Assim, o *Google Meet* ficou disponível à comunidade da UFRGS para realização de aulas, pesquisas e demais atividades acadêmicas online. A condição de pesquisadora desta instituição me proporciona, portanto, usufruir deste recurso que permite a gravação das reuniões feitas no *Google Meet*. O tempo médio das entrevistas realizadas via *Google Meet* foi de 1h30min. A transcrição das entrevistas gerou um total, em média, de duas a duas páginas e meia de texto escrito para cada entrevista realizada.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os cuidados éticos durante a realização desta pesquisa seguiram os seguintes passos, ancorados nas recomendações da Resolução 466/2012 do CNS.

Nesta seção apresento as discussões decorrentes das entrevistas com as professoras colaboradoras. Retomo que este estudo é um recorte de uma pesquisa que analisou o percurso de estudantes dos anos iniciais, sob a perspectiva das professoras.





## Diferenças de Gênero nos Anos Iniciais: um estudo com professoras da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

A partir das entrevistas analisei o currículo dos anos iniciais o tomando como dispositivo em massa de subjetividade, implicado na regulação de gênero. Foi possível compreender que o currículo dos anos iniciais, mais que alfabetização letrada, ensina uma leitura binária de gênero projetada pela racionalidade ocidental moderna. Isso se efetiva na constituição binária dos espaços, dos materiais escolares e pelo controle das/os estudantes, que por meio de ofensas misóginas e homofóbicas controlam a manutenção da heteronormatividade. Nesse cenário, naturalizam-se ideias como “as meninas são mais maduras” e “os meninos são infantis”. Como efeito, naturaliza-se também que as meninas sejam mais responsabilizadas desde pequenas pelo trabalho doméstico, também são vistas desde cedo como sexualizadas; enquanto os meninos são vistos como naturalmente mais bagunceiros e irresponsáveis. Além dessas problematizações, a partir de análises interseccionais, pude compreender que por meio de diferentes mecanismos – piadas, humilhações, deslegitimação da cultura afro-brasileira na escola – que os modos de subjetivação são diferentes entre meninas negras e meninas brancas.

Nas linhas que seguem a proposta é jogar luz nos acontecimentos que se passam nas aulas de educação física, conforme enunciado nas entrevistas pelas colegas docentes de educação física, entrelaçando como algumas questões que foram narradas por professoras de outras áreas, como a professora de arte-educação, a professora orientadora – todas atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental. Deste modo, as problematizações colocarão em suspensão certos modos vistos como naturalmente femininos e masculinos na aula de educação física, bem como as desigualdades que se estabelecem nestas aulas.

Início trazendo apontamentos feitos durante as entrevistas, em que as professoras de educação física falaram sobre as diferenças entre as meninas e os meninos nas aulas. De acordo com a professora Silvana,

Em jogos de bola, coordenação motora, tanto manual quanto podal, as gurias parecem com mais dificuldade, talvez por não ter tido esse estímulo em casa. Daí existe aquela coisa ‘Ela não sabe jogar, não sei o que’ (Entrevista professora Silvana – Educação Física).

Do mesmo modo, a professora Frida comenta sobre as preferências das/os estudantes nas aulas de educação física:





Ah, se eu não intervir, ao natural os guris jogam bola, as gurias brincam com corda, bambolês (Entrevista professora Frida – Educação Física).

Até nos chamados momentos livres da educação física, as diferenças de gênero ocorrem, como relata a professora Silvana:

Entrevistadora: “E nos momentos livres, têm diferenças entre as crianças?”

Entrevistada: “Ah, é um clássico né, as meninas pedindo corda! Os guris jogando bola” (Entrevista Professora Silvana – Educação Física).

Será que esses momentos são livres mesmo, ou as crianças já são atravessadas pelos discursos de gênero? Santos, Souza e Bonfim (2015) quando argumentam que, desde o início da vida, os meninos são motivados a correr, subir em árvores, andar de bicicleta, escalar muros, jogar bola em quadras ou até mesmo na rua, enquanto as meninas brincam de dona de casa, de boneca e são desencorajadas a vivenciar tais práticas, que serão consideradas culturalmente masculinas. A desigualdade de gênero começa desde o nascimento dos bebês através de presentes, vestimentas, aspectos como motivações a atitudes e expressão corporais (Santos, Souza e Bonfim, 2015). De modo similar, Silva (2023) analisa exclusão de gênero e aponta o quanto as normas segregacionistas de gênero são ainda vivenciadas fora da escola pelas crianças. Conforme o autor, as crianças relatam que muitas vezes não podiam brincar juntas/os em casa, na rua.

Para além das supostas preferências e das diferenças de habilidades, chamo atenção para as diferenças no modo como as meninas agem nas aulas de Educação Física, como analisam as professoras:

Agora estou pensando aqui, é diferente o jeito das gurias nas aulas. Vamos pegar o exemplo de uma atividade de salto, depois estafeta com corridas: os guris eles vão, pilham. As meninas são mais fechadas. Estou lembrando da cena: as meninas dão uns passos pra trás, “será que faço?” É uma postura diferente quando tu faz essas atividades que exigem mais agilidade, força. Desde cedo, existe ali uma postura corporal que indica que ali não é teu lugar. Acho que elas não acham que ali é um lugar delas, tipo isso de recuar, ou dizer que não gosta, que vai cair. Aí elas vão, acabam caindo, alguém ri” (Entrevista professora Patrícia – Educação Física).

A professora Viviane também compreende que há modos diferentes na participação de meninos e meninas

Os guris, assim, pra Educação Física, eles são sempre muito à vontade pras aulas. Qualquer coisa que eu faça com o corpo eles vão querer. Até a mão no chão, se abaixar. De modo geral é muito mais fácil para eles. E as meninas têm que despertar (Entrevista professora Viviane – Educação Física).

As professoras ilustram as diferenças que se manifestam e que remetem à falta de legitimidade das meninas nas aulas, ao apontar o quanto parece que as meninas apresentam





uma postura que indica que ali não é o lugar delas, que precisa despertá-las para as aulas. Todavia, os meninos manifestam estar “muito à vontade” na Educação Física.

Altmann *et al.* (2018) argumentam que nas aulas de Educação Física os meninos possuem uma experiência corporal mais intensa e significativa quando comparados às meninas, já que a prática esportiva foi mais frequente entre os meninos, enquanto as meninas demonstraram dificuldade em encontrar prazer na prática e se reconhecem menos habilidosas para as atividades físicas. Este estudo vai ao encontro das percepções das professoras com as quais pesquisei.

Somam-se a isso as demais regulações de gênero da escola que constantemente parece agir sobre os corpos. Chamo atenção aqui para algumas práticas que ocorrem na escola, as quais constantemente fazem vigilância e cerceamentos às meninas, como as polêmicas em torno dos shortinhos, saias curtas, miniblusas, que controlam suas roupas. Na escola da professora Simone, houve uma situação acerca disso, a direção criou uma norma em que as meninas que fossem para a escola de bermuda curta e/ou de blusa curta, deveriam colocar um agasalho da escola e levariam bilhete no caderno. Essa situação gerou polêmica. De acordo com relato da professora atualmente não existe mais oficialmente, digamos esta regra, mas algumas colegas docentes aconselham as meninas a vestirem outra roupa quando estão com alguma roupa curta.

Pode-se pensar a partir disso que há desde cedo uma regulação das roupas, que promove essa ideia de corpo pecado desde cedo. Assim, as meninas vão se subjetivando com essas práticas discursivas e acabam elas mesmas se sentindo culpadas em relação ao seu corpo. Referente a isso, a professora Frida também comentou uma situação em que uma menina foi culpabilizada por estar com uma bermuda pequena. Conforme a professora:

Teve uma vez que uma menina entrou na escola chorando e disse que um cara parou o carro e disse pra ela entrar. A minha colega supervisora disse pra aluna que ela deveria estar com uma bermuda menos curta. Ela (supervisora) relatou isso no conselho de classe, julgando a aluna. As colegas reproduzem essas ideias sabe, então é uma luta também com as colegas (Entrevista professora Frida – Educação Física).

A narrativa da professora Frida traz de modo mais explícito como vai sendo repetido o discurso de culpabilização das meninas em relação aos perigos que supostamente elas mesmas provocam por expor seus corpos. Federici (2017) mostra uma mudança de narrativas acerca das mulheres no final da Idade Média, onde as mulheres, com a caça às bruxas, passaram a ser retratadas literalmente como demoníacas, onde seu corpo portava





pecado. Para a autora, há no plano ideológico uma estreita correspondência entre a imagem degradada da mulher, forjada pelos demonólogos, e a imagem da feminilidade construída. Isso canonizava uma mulher estereotipada “biologicamente inclinada ao mal” (Federici, 2017, p. 335). A autora argumenta que as mulheres foram reprimidas sexualmente, sendo seu corpo tratado como fonte de mal, pecado. Tais ideias ainda hoje parecem fazer sentido, na medida que vemos o quanto esses discursos afetam subjetivamente as meninas, as quais desde cedo carregam a imagem de ter um corpo sexualizado significado de modo erotizado, pejorativo

Conforme Foucault (2009, p. 132) “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. Presas, literalmente, é assim que vejo muitas meninas na escola. Há uma incidência de práticas discursivas – narrativas das professoras, configuração dos espaços escolares, vigilância, constituição de normativas acerca de bons e maus padrões de costume. Tudo isso parece incidir no modo como as meninas devem se enunciar no social, no modo como devem ser. Na educação física não é diferente, as vigilâncias são constantes, a qualquer momento podem escutar que são ruins, fracas. Penso que isso contribuem para que entendam que ali não é o lugar delas, como apontou a professora Viviana.

### **Rompendo as Fronteiras de Gênero: Atos Performativos Outros**

Embora a escola seja um espaço heteronormativo (Louro, 2010; Miskolc, 2012), há quem ultrapasse os limites das fronteiras de gênero. A professora Rosângela narra sobre uma menina, que na perspectiva da professora, mostra um gênero masculino.

Eu tinha uma menina que no início a mãe relutou, mas ela já estava mostrando um gênero masculino. Ela geralmente entrava na porrada com os meninos, machucava as meninas. Chegava com aquela bola embaixo do braço. Eu acho que ela mesmo estranhava porque via aquelas outras gurias brincando com boneca (Entrevista professora Rosângela – Arte-Educação).

Essa lembrança da professora me leva a pensar nos estranhamentos provocados por crianças dissidentes de gênero na escola. Para a professora, a menina deve se estranhar por ser assim. Ou seria a naturalização de identidades fixas, como o binarismo masculino e feminino que leva ao estranhamento de quem não se encaixa nesses polos? Para ajudar na compreensão desse debate, retomo que Butler (2003, p. 215-216) chamou de “matriz heterossexual”, a malha específica de poder que designa “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados”. Nessa gramática, afirma Butler (2003, p. 37), “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em





conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. Para a sua manutenção, a matriz regulatória opera com a produção de identidades (sexuais e de gênero) a serem reafirmadas cotidianamente. Em outros termos, um homem deve atender aos padrões de masculinidade, possuir um pênis e desejar exclusivamente corpos de mulheres. Trata-se de uma norma que governa a inteligibilidade (Butler, 2022, p. 77).

Nessa direção, também gera estranheza quando os meninos se enunciam de modo diferente da matriz homem-masculino. Isso é exposto quando a professora referência Sandra analisa o quanto os meninos são bastante violentos entre eles, sobretudo com os que “não são como eles”

Os meninos, eles são cruéis! Os guris são muito cruéis com esses outros guris que não ficam com eles, que não são como eles (Entrevista professora Sandra – Referência).

Essa e outras falas nos levam a perceber que as regulações de performances de gênero se dão não somente por meio dos livros, brinquedos, espaços binários da escola; mas também é possível analisa pela narrativa das professoras o quanto a falta de reconhecimento destas crianças contribui para regulação de gênero. Ainda, a violência entre as próprias crianças busca manter o estabelecimento das normas de gênero, por meio de piadas, deboches, que muitas vezes são tratados como brincadeiras para com aqueles que são dissidentes de gênero. Conforme Junqueira trata-se da pedagogia do insulto (Junqueira, 2013), posta em ação como supostas brincadeiras, que ora camuflam ora explicitam injúrias e insultos, jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam pedagogicamente suas relações com o mundo. As brincadeiras heterossexistas e homofóbicas constituem poderosos mecanismos heterorreguladores de objetivação, silenciamento, dominação simbólica, normalização, ajustamento, marginalização e exclusão (Junqueira, 2013).

Louro (2004; 2020) discute o que chama de corpo estranho na escola, problematizando regulação de gênero a partir da Teoria Queer. A autora discute a heterossexualidade compulsória, ligada à lógica sexo-gênero-sexualidade e compreende que os sujeitos que por qualquer razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência (sexo-gênero-sexualidade) serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para maioria. Desse modo, entende Louro que “o limite do pensável no campo de gênero e sexualidade fica circunscrito aos contornos dessa sequência normal” (Louro, 2020, p. 61). De acordo com isso, Bento (2011, p. 553) afirma que





Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração, são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas.

Visto isso, compreendo que as desigualdades de oportunidades estão implicadas nas diferenças de habilidades entre as crianças, como discute Santos, Souza e Bonfim (2015). Mas ainda, há outras diferenças que não são apenas relacionadas ao corpo em movimento – ou seja, não tem somente a ver com as experiências físicas e motoras diferentes pelas quais as crianças vivenciam; mas sim ao corpo enquanto objeto de conhecimento, passível de classificações, regulações. Conforme Silvana Goellner (2007) um corpo é também seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos. Para além do material, a autora nos provoca a pensar no quanto o corpo produz de significações, sendo o corpo também “a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam” (Goellner, 2007, p. 29). Assim, Goellner chama atenção para o quanto o corpo é carregado de significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Diante do exposto, finalizo com um trecho da entrevista realizada com a professora Frida que ao ser perguntada se há diferença de gênero nas aulas de Educação Física, ela relata com a seguinte reflexão.

Tem muitas diferenças, e isso já vem de casa. Na verdade, seria injusto pessoalizar, acho que é algo muito maior né, é estrutural, é intencional as políticas públicas machistas. O racismo, o machismo é em todos os âmbitos. Por isso é uma luta diária travar esse debate! (Entrevista professora Frida – Educação Física).

Algo muito maior, concordo. Ao escutar diferentes professoras que trabalham nos anos iniciais, as histórias que narraram sobre algumas situações que passam as meninas na escola – em sala, na quadra, na biblioteca, nas festas escolares; as suas memórias de histórias de vida de alunas/os/es; e também ao analisar as posições discursivas das professoras, fui levada a pensar que as diferenças que se manifestam na educação física é algo muito maior que as relações históricas da Educação Física com a heteronormatividade. Muitas regulações buscam manter a matriz heterossexual, por sua vez regulam performances de gênero. Ainda assim, não sendo natural, há que escape, e se enuncie com performances outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS





Com este estudo procurei dar visibilidade à trajetória das crianças nos anos iniciais através da perspectiva das professoras, jogando luz a problemas de gênero que se estabelecem nesta primeira etapa do ensino fundamental. Trata-se de uma etapa reconhecida por ser o período de alfabetização das crianças. Como visto a partir das entrevistas, a alfabetização não é somente restrita ao letramento de português, mas também a alfabetização binária de gênero. O currículo - percurso, dos anos iniciais é um espaço de regulação de gênero.

Nesse cenário, estou em acordo com Preciado (2020) que nos diz que é evidenciado que a escola potencializa e valoriza a teatralização convencional dos códigos de gênero ao mesmo tempo que vigia o corpo e o gesto. Esse contexto é fértil para estabelecer cristalizações de determinadas características como naturalmente femininas, mantendo e reiterando um ideal feminino em se tem a expectativa de que as meninas ajam de maneira diferenciada dos meninos.

Nas aulas de educação física não é diferente, as professoras sinalizam que as diferenças se manifestam nas supostas preferências - bola ou corda; também se manifestam no modo como agem nas aulas. Neste contexto, parece natural que os meninos se sentam muito a vontade nas aulas de educação física, enquanto as meninas precisam ser despertadas para participar. Apesar disso, há quem borre os limites destas normativas, mesmo que sejam vistas com estranhezas, mesmo que sejam insultadas/os/es.

Em tempo é oportuno ressaltar que vivemos em um tempo marcado pelo asseveramento do conservadorismo. O pânico moral disseminado no Brasil por meio do *slogam* Ideologia de gênero ainda assombra as escolas. Por isso cabe ressaltar que é preciso sim falar de gênero e sexualidade nas escolas. Tanto na educação física, quanto nos demais espaços, as violências e desigualdades afetam a vida de alunas, alunes e alunos. Nos anos iniciais, etapa em que esta pesquisa foi realizada, os tabus em trabalhar essa temática se agravam por conta das idealizações acerca da infância (Assis, 2019). Porém, nunca é demais retomar que é preciso sim falar de gênero na escola! Nos anos iniciais não é diferente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assis, Amanda Dória. Diferentes capacidades coordenativas ou diferentes experiências? In: FONSECA, Denise Grosso; BELMONTE, Roseli (Orgs.). **A educação física nos anos iniciais**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2019.





BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9.394/96**. Brasília, DF, 1996.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista estudos feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. **Revista de antropología iberoamericana**, v. 4, n. 3, p. 321-336, 2009.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Unesp, 2022

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOELLNER, Silvana. Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário - a normatividade em ação. **Retratos da escola**, v. 7, n. 13, p. 481-498, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Orgs.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

SÁ, André Luiz das Graças de. Decolonizando a cultura corporal: algumas reflexões e proposições. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-16, 2022.

SANTOS, Paulo Augusto Costa; SOUZA, André de Souza; BONFIM, Claudia Ramos de Souza. Educação Física escolar: contribuição para a superação do preconceito de gênero no esporte. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL: FEMINISMOS, IDENTIDADES DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2. **Anais...** Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, 2015.





SILVA, Leandro de Carvalho. **Entre situações-limite e inéditos viáveis: problematizando as desigualdades de gênero nas aulas de educação física**. 2023. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. SP, 2023.

SOARES, Carmen Lúcia. **A influência do pensamento médico higienista na educação física no Brasil: 1850-1930**. 1990. 256f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1990.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TRAVERSINI, Clarice; BALEM, Nair; COSTA, Zuleika. Que discursos pedagógicos escolares são validados por professores ao tratar de metodologias de ensino? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: PEDAGOGIAS (ENTRE) LUGARES E SABERES, 5. **Anais...** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2007.

**Dados da autora:**

Email: amandts@gmail.com

Endereço: Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS, CEP: 90690-200, Brasil.

Recebido em: 30/06/2024

Aprovado em: 02/08/2024

**Como citar este artigo:**

ASSIS, Amanda Dória de. "É um clássico né, as meninas pedindo corda": atos performativos de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17975, p. 1-14, 2024.

